

## TECENDO A HISTÓRIA DA TERAPIA OCUPACIONAL NO BRASIL: O PIONEIRISMO DE FERNANDA GUERREIRO

Weaving the History of Occupational Therapy in Brazil: Fernanda Guerreiro's pioneering

Tejiendo la Historia de la Terapia Ocupacional en Brasil: el pionerismo de Fernanda Guerreiro

**Daniela Oliveira de Carvalho  
Veríssimo e Melo**

Terapeuta ocupacional  
Universidade Federal de São Paulo,  
UNIFESP  
Centro de Desenvolvimento em Ensino  
Superior em Saúde, (CEDESS-UNIFESP)  
danielamelo.to@gmail.com

**Dante Marcello Claramonte  
Gallian**

Diretor do Centro de História e Filosofia  
das Ciências da Saúde (CeHFi)  
Universidade Federal de São Paulo,  
UNIFESP  
dante.cehfi@epm.br

### Resumo

Para fazer jus à memória, à sua história de vida e às suas contribuições no processo de fundação da Terapia Ocupacional, neste artigo, a narrativa de Fernanda Leal de Carvalho Guerreiro será privilegiada por meio da apresentação de sua história oral de vida. Formada pela segunda turma do Curso oferecido pelo Instituto de Reabilitação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em dezembro de 1960, Fernanda foi docente responsável pela disciplina de Trabalhos Manuais no período de janeiro de 1960 a março de 1963. Como uma das pioneiras da profissão em São Paulo, implantou o Setor de Terapia Ocupacional do Pavilhão Fernandinho Simonsen da Santa Casa de Misericórdia, além de atuar no Centro de Reabilitação Sarah Kubtscheck em Brasília e outras cidades do mundo. Como desdobramento de sua entrevista e com o objetivo de incentivar a realização de novas pesquisas de cunho historiográfico, Fernanda doou sua narrativa e parte de seu acervo pessoal ao Centro de História e Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (CeHFi-UNIFESP), aos cuidados dos autores deste artigo. Tais gestos reforçam a importância de divulgação desta narrativa aos terapeutas ocupacionais.

**Descritores:** Terapia Ocupacional/História, História Oral, Entrevista.

### Abstract

To do justice to the memory, her life history and her contributions in the foundation process of Occupational Therapy in São Paulo, in this article, the narrative of Fernanda Leal de Carvalho Guerreiro will be privileged through the presentation of her Oral History. Graduated from the second class of the Course offered by the Rehabilitation Institute of the Medical School, University of São Paulo, in December 1960, Fernanda was the responsible professor for teaching the handwork discipline from January 1960 to March 1963. As one of the pioneers in the profession, implemented the department of Occupational Therapy at Fernandinho Simonsen Pavilion of the Santa Casa de Misericórdia in Sao Paulo, besides operating at the Rehabilitation Center Sarah Kubtscheck in Brasilia and other cities in the world. As an out come of the interview and in order to encourage new research of historiographical nature, Fernanda donated her narrative and part of her personal collection to the Center of for History and Philosophy of the Federal University of São Paulo (CEHFi-UNIFESP), care of the authors of this article. Thus, they reinforce the importance of propagation of this narrative to occupational therapists.

**Keywords:** Occupational Therapy/History, Oral History, Interview.

### Resumen

Para hacer justicia a la memoria, la historia de vida y sus contribuciones en el proceso de fundación de la Terapia Ocupacional, en este artículo, la narrativa de Fernanda Leal de Carvalho Guerreiro será privilegiada a través de la presentación de su historia oral la vida. Formada por la segunda clase del Curso ofrecido por el Instituto de Rehabilitación de la Facultad de Medicina de la Universidad de Sao Paulo, en diciembre de 1960, Fernanda fue el responsable de la enseñanza de la disciplina del arte de enero 1960 a marzo 1963. Ella ha criado la Terapia Ocupacional Sector en Fernandinho Simonsen Pabellón de la Santa Casa de Misericordia em la ciudad de São Paulo, además de actuar en Sarah Kubtscheck Centro de la Rehabilitación en Brasilia y otras ciudades en el mundo. Como una extensión de su entrevista y con el fin de fomentar una nueva investigación de la naturaleza historiográfica, Fernanda donó su historia y parte de su colección personal para el Centro de Historia y Filosofía de la Universidad Federal de Sao Paulo (CeHFi-Unifesp), el cuidado de los autores de este artículo. Por lo tanto, refuerzan la importancia de la divulgación de esta narrativa a los terapeutas ocupacionales.

**Palabras clave:** Terapia Ocupacional/Historia, Historia oral, Entrevista.

## 1 APONTAMENTOS INICIAIS

Diante da escassez de pesquisas de cunho historiográfico sobre a Terapia Ocupacional no Brasil, na dissertação intitulada *Em Busca de um Ethos: Narrativas da Fundação da Terapia Ocupacional na Cidade de São Paulo*<sup>1</sup>, ensejamos cultivar a memória profissional, produzir memória social e ampliar o debate historiográfico do campo por meio das contribuições de terapeutas ocupacionais pioneiras, tendo a cidade de São Paulo como recorte. Neste artigo, apresentaremos a história oral de vida de Fernanda Leal de Carvalho Guerreiro (Figura 1), fruto de sua colaboração a referida pesquisa.

Aluna e professora da segunda turma de Terapia Ocupacional oferecida pelo Instituto de Reabilitação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 1959-1960, Fernanda atuou na criação de setores de Terapia Ocupacional em cidades do Brasil, Portugal e Equador. Há quase 60 anos, Fernanda guarda registros que marcaram sua trajetória profissional: recortes de jornal, fotografias, manuscritos, documentos pessoais, dentre outros. Em sua narrativa, amparou-se neste acervo pessoal para comprovar sua formação, atuação profissional e engajamento na fundação da profissão.

106



(Figura 1) - Fernanda Leal de Carvalho Guerreiro em novembro de 2015.

A tessitura desta narrativa respeitou as seguintes etapas procedimentais, conforme detalhadamente descrito por Meihy<sup>2</sup> e Meihy e Holanda<sup>3</sup>: a) gravação das entrevistas; b) confecção do documento escrito (transcrição, textualização e transcrição); c) conferência e aprovação do documento escrito pelo colaborador; d) análise; e) devolução do produto à

comunidade de destino da pesquisa. Para tanto, foram necessários três encontros. Ainda de acordo com as proposições desses autores, em pesquisas que adotam a História Oral, a definição de uma comunidade de destino é fundamental, pois, os textos elaborados devem, sempre que possível, retornar para o grupo mobilizador da pesquisa, visto que, estudos que empregam entrevistas assumem uma função social.

Nesse sentido, a narrativa de Fernanda se reporta ao coletivo de terapeutas ocupacionais do Brasil – nós, seus interlocutores, somos herdeiros dos investimentos e contribuições de tantas pioneiras anônimas. Na História Oral, advoga-se que sujeitos comuns devem ser ouvidos, convencendo-os de que suas histórias são fundamentais para a compreensão de determinada realidade, estruturas sociais e processos históricos. Não se trata da busca por uma verdade única sobre determinado tema, ao contrário, como argumenta Gallian<sup>4,5</sup> o importante é “a forma, a maneira como os acontecimentos e marcos de ontem e de hoje estão sendo elaborados pela memória na construção de relatos e imagens significativas” (p. 21)<sup>4</sup>.

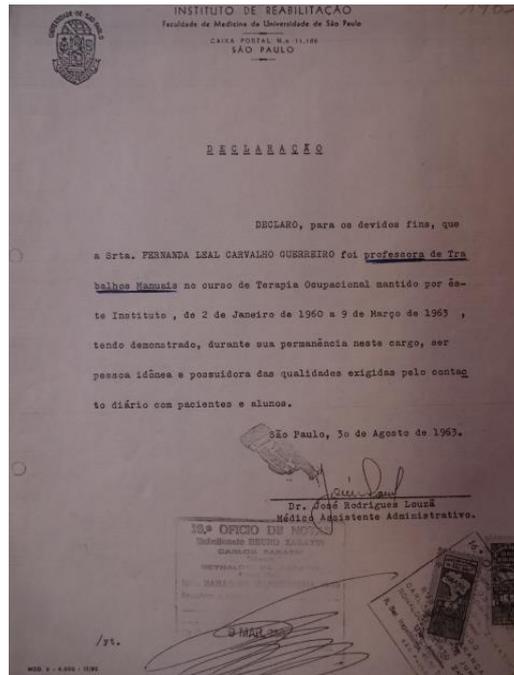
Como desdobramento de sua colaboração e com o objetivo de incentivar a realização de novas pesquisas de cunho historiográfico, além de ceder sua narrativa, Fernanda doou fotocópias e parte de seu acervo pessoal ao Centro de História e Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (CEHFi-UNIFESP), aos cuidados dos autores deste artigo. Desta forma, tal qual proposto por Gallian e adotado por Rocha<sup>6</sup>, abandonaremos interpretações teóricas e privilegiaremos a voz de Fernanda com o intuito de fazer justiça à memória, à sua história de vida e às suas contribuições no amplo processo de fundação da Terapia Ocupacional.

107

## **2 ESTAVA TUDO AQUI E EU FUI JUNTANDO, JUNTANDO...**

Minha história começa quando me formei pela Escola Carlos de Campos. Uma amiga chamada Marisa Mei, e eu éramos recém-formadas e não sabíamos bem o que queríamos da vida. Estávamos em sua casa quando um médico, tio dela, avisou-nos que começaria o Curso de Terapia Ocupacional no Hospital das Clínicas. Fomos lá nos inscrever, Marisa e eu. Anos mais tarde, Marisa foi a primeira presidente do Centro Acadêmico Arnaldo Vieira de Carvalho - criado para representar os alunos dos cursos de reabilitação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Como eu era formada professora de Trabalhos Manuais e Economia Doméstica, a faculdade logo me contratou para dar aulas de Trabalhos Manuais. Então, ao mesmo tempo, eu era aluna e professora do curso (Figura 2). Eu fui com o cabelo alto para me fazer importante... Hoje é engraçado, mas foi difícil. Ensinei tudo o que sabia: cerâmica, linharia, um pouco de tecelagem e outras técnicas da época.



(Figura 2) - Declaração de José Rodrigues Louzã, Médico Assistente Administrativo do Instituto de Reabilitação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, com data de 30 de agosto de 1963. Acervo pessoal doado ao CeHFi-UNIFESP.

Eu achei a profissão muito interessante, principalmente, pela discriminação que as pessoas, os pacientes, sofriam na época. Sempre fui contra a discriminação. Meu pai era médico naturalista e eu tive uma formação muito humanista. Fomos criados quase sem remédio, nunca tomei um remédio para gripe! Quando ficávamos doentes, tomávamos banhos de vapor com eucalipto, chás. Sou vegetariana, nunca comi carne na minha vida, nem frango, nem nada. Minha formação foi assim. Quando eu vi o Instituto de Reabilitação, as crianças, toda aquela proposta... Eu achei fantástico! É justo o que quero na vida! Quero ajudar para a pessoa ser independente!

Naquela época, muitas situações me tocavam diretamente. Vacinas vieram erradas e fizeram pessoas desenvolverem doenças, o problema da talidomida também... Quer dizer,

erros da ciência que criaram muitas crianças doentes. Tratei dos filhos de algumas colegas no Hospital das Clínicas. Eu via a importância social da profissão. É este curso que eu quero fazer e vou levar adiante! Faziam testes psicológicos com as candidatas para entrar no curso. Pediram-me para desenhar um corpo humano. Eu, que tenho formação em desenho artístico, fiz um corpo nu. Fui questionada. Respondi que, no Renascimento, Leonardo da Vinci fazia desenhos melhores e mais detalhados do que aquele!

Eu sou da segunda turma (Figura 3). Já existia o Instituto de Reabilitação e nosso curso era puxadíssimo. Estudávamos todas as matérias em dois anos. Toda a parte teórica era dada pela Faculdade de Medicina. Já a parte prática e reuniões de equipe, pelo Instituto de Reabilitação. Lembro bem do Professor Lacaz, médico fantástico que foi nosso paraninfo. Atendíamos pacientes de todos os setores do Hospital das Clínicas. Acessávamos todos os departamentos. Fizemos estágio em alguns lugares e relatórios das visitas. E muitas palestras científicas com convidados de fora. Olha, isso foi em 1958! Será que me lembro de tudo?

109



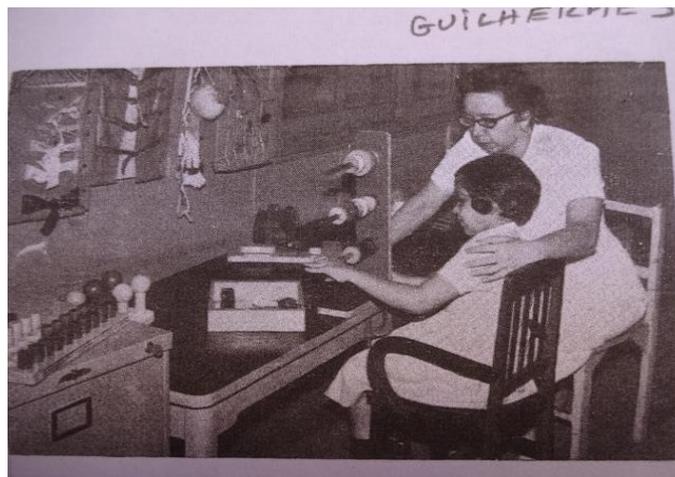
(Figura 3) - Na fotografia, alunas da segunda turma do Instituto de Reabilitação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em 1960. Da esquerda para a direita: Fernanda Guerreiro (Terapia Ocupacional), Gabriela Knaut (Fisioterapia), Marisa Mei (Terapia Ocupacional), Maria Sarah Duprè Oliveira (Fisioterapia), Maria Elly Nascimento Torres (Fisioterapia), Deise Michelano (Fisioterapia) e Judith Mann (Fisioterapia). Acervo pessoal doado ao CeHFi-UNIFESP.

O diretor do Instituto de Reabilitação era o Prof. Dr. Godoy Moreira. Também atuavam lá o Dr. Roberto Taliberti e o Dr. José Louzã. A Organização Mundial de Saúde auxiliou na criação do Instituto e enviou Dr. Robin Hindley-Smith, Dra. Karin Lundborg da

Fisioterapia e Sr. Eric Kirst Jensen da Prótese Ortopédica, além de fornecer os equipamentos. Não me lembro de todos os nomes, mas tivemos aulas com professores convidados. Lembro bem de uma professora do Rio de Janeiro. Nessa época, existiam também os cursos de Fisioterapia e outro de Próteses.

O conteúdo específico da Terapia Ocupacional ministrado no curso era pouco. Aprendíamos pelo histórico americano e com professoras que vinham de fora. Eram poucas professoras. Eu mesma era aluna e professora. Mas, existia um grupo de terapeutas ocupacionais já formadas que atuava. Não me lembro do nome de todas. Uma delas, a Silvia, foi professora de Trabalhos Manuais. A Neyde Tosetti se formou nos Estados Unidos e foi a primeira desse grupo. Ela era a chefe da Terapia Ocupacional no Hospital das Clínicas, responsável por tudo.

Porém, Lila Linhares Blandy foi a primeira terapeuta ocupacional de São Paulo, mas trabalhava na Associação de Apoio à Criança Deficiente (AACD), que foi fundada na década de 1940. Ela estudou nos Estados Unidos e chegou com todo o material. Ela era irmã de uma fisioterapeuta da minha turma e nós íamos visitá-la para aprender com ela (Figura 4). A parte clínica era muito empírica. Guardei apenas os nomes de quem fundou: Lila na AACD e Neyde no Hospital das Clínicas. É por isso que tem que ter tudo por escrito! Se você não tomar registro, tudo acabará se perdendo...



(Figura 4) - Na fotografia, Lila Linhares Blandy, terapeuta ocupacional formada nos Estados Unidos. Fundou o Setor de Terapia Ocupacional da AACD e foi primeira docente do curso de Terapia Ocupacional da Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro (ERRJ), criado em 1956. Acervo pessoal doado ao CeHFi-UNIFESP.

Fizemos um estágio grande na Escola de Enfermagem de São Paulo que nos deu uma boa base. A parte de conduta profissional era dada pela Enfermagem, atitudes com o paciente, modo de tratar e de manipular também. De toda nossa formação, acredito que o mais importante foi o espírito de equipe. Fazíamos reuniões com psicólogo, terapeuta, fisioterapeuta, protético. Nós éramos muito unidos, trocávamos muito. Sem esse espírito de união não se faz reabilitação. Sozinho não se é ninguém, não é mesmo?

Depois de formada (Figura 5), surgiu a oportunidade de trabalhar na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, especificamente, no Pavilhão Fernandinho Simonsen e montei o Departamento de Terapia Ocupacional. Na mesma época, o Lar Escola São Francisco também precisava de uma terapeuta ocupacional para montar o setor. Por uns dois anos, trabalhava de manhã na Santa Casa, à tarde no Lar Escola São Francisco e continuei como professora do curso.



111

(Figura 5) - Diploma do Curso de Terapia Ocupacional de Fernanda Guerreiro, emitido pelo Instituto de Reabilitação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Acervo pessoal doado ao CeHFi-UNIFESP.

Em muitos lugares, como as psicólogas faziam arte-terapia, as pessoas acreditavam que não precisava ter terapeuta ocupacional nas equipes. Confundiam muito com artesã. Acho que aconteceu uma invasão das psicólogas no nosso campo. Em todos os lugares encontrávamos psicólogos e, em poucos, terapeuta ocupacional. Várias vezes eu precisei ser firme e explicar que era formada e que faria um planejamento das intervenções a partir do estudo do caso das crianças, histórico familiar e que, tudo isso, era diferente de fazer

“trabalhinhos manuais”. É... Hoje, fico orgulhosa ao me lembrar de minha postura naqueles momentos! Foi assim que consegui montar os departamentos na Santa Casa e no Lar Escola São Francisco.

Depois, aconteceu que Brasília precisava de uma terapeuta ocupacional nas Pioneiras Sociais, atualmente, Hospital Sarah Kubtschek. Como sou aventureira, aceitei a empreitada e fiquei lá por uns três anos! O Dr. Aluísio Campos da Paz formou-se fisiatra em Londres e era o diretor de lá. Como ele tinha trabalhado no *Royal Hospital*, também em Londres, trouxe alguns materiais de reabilitação que não existiam no Brasil, que eu e outros três colegas da Fisioterapia utilizávamos. Trabalhei com Helena Oliveira, fisioterapeuta formada em Recife e especialista em paralisia cerebral. Nesta época, representei a equipe do Sarah Kubtschek no I Congresso Brasileiro de Fisioterapia no Rio de Janeiro em 1964.

Lá, atendi pacientes com diversas patologias. Foram muitos, uns 200. A sala de Terapia Ocupacional era gigantesca. Ao lado da minha sala, colocamos uma marcenaria para confeccionar os recursos (hoje chamados de tecnologia assistiva) que fossem necessários para o meu trabalho. Eu me inspirava em ideias e imagens do Catálogo Preston que ganhei do meu pai. Antes de mim, trabalhou outra pessoa que montou um *stand* maravilhoso para Atividades de Vida Diária.

Eu morava dentro do hospital! Não é divertido? Imagine que, com mais ou menos 20 anos, eu não podia morar sozinha. Dona Sarah Kubitschek dispunha de várias casas em volta do Centro de Reabilitação, onde moravam enfermeiras, médicos e fisioterapeutas, mas todas estavam ocupadas. Na verdade, Dona Sara encontrou vaga na casa dos fisioterapeutas. Foi engraçado, porque, com todo o cuidado, precisei explicar a ela que as casas eram pequenas, diferentes da que ela morava. Então, fiquei em um quatinho no hospital por muito tempo! Ficava difícil ir às festas porque não podia entrar depois que o hospital fechasse. Depois, acabei alugando um quarto na casa de uma amiga.

Foi nessa época que conheci o meu marido, inglês, que trabalhava no *London and South America Bank*. Essa história é interessante! Como eu morava no hospital, conheci o Dr. Dillwin Williams, cirurgião de pé, que veio com a esposa do País de Gales. Ficaram hospedados no hospital, porque os hotéis de Brasília e o Consulado estavam cheios. Como eu falava um pouco de inglês, fiquei acompanhando a esposa dele. Um dia, o cônsul me convidou para uma festa e nela conheci meu marido.

Por discordar de algumas mudanças no hospital, fui despedida depois de uns três ou quatro anos. O Dr. Aluísio saiu da direção e assumiram os médicos ortopedistas. Peguei o dinheiro da rescisão e fui para Portugal. Nessa altura, meu noivo foi transferido para São Paulo. Então, voltei para o Brasil, trabalhei um pouco no Hospital do Mandaqui e nos casamos. Daí, ele foi transferido para Portugal. Voltei para Portugal. Era a época da ditadura.

Por conta da Guerra de Angola, vinham muitos mutilados da África e precisavam de mim no Hospital Militar. Mas a polícia portuguesa queria que eu firmasse um tratado determinando meu comportamento para não ser considerada subversiva. Preferi continuar brasileira. Sinto muito, mas não vou compactuar com aquele regime. Não assinei papel nenhum! Continuei brasileira com muito gosto! Bem, pelo meu modo de falar, você deve ter percebido que sou portuguesa. Naturalizei-me brasileira para trabalhar nos hospitais daqui.

Com isso, montei o Departamento de Terapia Ocupacional num centro de paralisia cerebral particular. Fiquei lá uns dois anos quando. Meu marido foi transferido de cidade. Fomos para Porto em Portugal, onde trabalhei no Lar do Comércio: lugar maravilhoso com animais e fazenda! Lá, montei a Terapia Ocupacional com idosos e fiz boa parceria com uma assistente social. Tenho tantas histórias para contar deste lugar!

Como havia muitas pessoas, nós as dividimos em grupos. Descartei os “trabalhinhos manuais” e fui descobrindo as atividades de cada um. Tinha um cesteiro que começou a dar aulas aos demais. Tinha uma tecelã, trouxemos uns teares e ela ensinou os outros a fazer tear. Eu os ensinei a fazer cerâmica. O mais interessante é que eles estavam confinados e todos vestidos de preto. Aquele ambiente era pesado e triste, estavam todos muito apegados ao passado... Eu falei, bem, temos que mudar isso aqui!

Resolvi fazer um baile de carnaval. Foi ótimo, muito divertido ver todo mundo fantasiado! Muitas pessoas participaram dessa festa, inclusive autoridades. O mais divertido foi que cada um inventou sua fantasia. Teve desfile de carros e tudo mais. Imagine só, uma velha de oitenta e tantos anos vestida de bebê com uma cenoura na boca de chupeta! Foi muito divertido e todos riem muito dessa história, mas a verdade é que fico emocionada com ela até hoje...

A fisioterapeuta enfrentava dificuldades porque todos usavam bengala. E eu questionava: mas que história é essa? Todo mundo de bengala aqui? Por quê? Agasalhados demais, roupas demais, falta de ar, não iam para fora! Fizemos rampas para melhorar a

circulação. Mas, antes disso, fui parar na reunião com a diretoria. Perguntavam: “mas como que a senhora vai pôr rampas aqui? Vai estragar nossa arquitetura!”. Eu falei: “olha, eu sou terapeuta ocupacional! Eu tenho um propósito. Eu vim aqui para ajudar as pessoas. Vocês não podem confinar as pessoas, impedi-las de sair. “Quem vai carregar no colo uma pessoa de 100 kg para conseguir chegar lá fora?”.

Foi quando o diretor defendeu a proposta: “olha, faz favor, nossa terapeuta ocupacional é brasileira! Nossa terapeuta é brasileira! Então, faz o favor de atenderem!”. Quando eu precisava de algum material, escutava os comentários: “mas o que é que essa menina vem aqui fazer, vai mudar todas as nossas coisas?!”. E o diretor me dizia “a senhora precisa de quanto? Tanto? Pumba! Está aqui o cheque, compre!”. E foi assim que eu consegui ir mudando o esquema.

Mas, o mais interessante e engraçado foi quando a fisioterapeuta me falou que eles precisavam tomar ar... Fizemos as barras e as rampas, mas ficavam confinados porque só andavam pelo jardim. Pode deixar que vou resolver esse assunto com o diretor! Olha, preciso de maiôs para todos os pacientes! Eu quero maiô de homem e de mulher. Só de lembrar, perco o fôlego de tanto rir! Então, dividimos todos em grupos e, uma vez por semana no verão, íamos todos à praia.

Novamente, fui parar na reunião, com toda a diretoria. Lá eram todos importantes, eram todos banqueiros ou comerciantes ricos que financiavam o Lar. Eles diziam, “Mas o que está acontecendo? Esta terapeuta vai colocar os nossos velhos em trajes de banho?!”. E nosso diretor e dizia “é disso que eles precisam, faz parte da reabilitação! E nós temos que nos modernizar!”. Foi uma alegria! Uma senhora de oitenta e três anos deu o primeiro mergulho e ficou feliz da vida. E todos eles iam, semanalmente, em grupos, com a fisioterapeuta. Eu não acompanhava porque não dava tempo. Foi uma modificação grande no Lar do Comércio, que ainda existe.

Saí porque meu marido foi transferido. Fui para Valência, Espanha. Foi o único lugar onde não trabalhei porque meus dois filhos eram pequenos. Em todos os outros lugares eu trabalhei. Novamente, meu marido foi transferido para Guayaquil no Equador. Chegando lá, logo apareceu o Centro de Reabilitação para crianças com deficiência intelectual. Era bem montado, já contava com alguns profissionais. Mas a criança estacionava depois de passar pelo tratamento oferecido. Foi quando eu montei uma unidade pré-vocacional dividindo todos

em três grupos de acordo com o grau de comprometimento. Também decidimos tirá-los do confinamento. Fazíamos esportes na Hípica e festas típicas. Minha trajetória em Guayaquil foi muito boa, mas foi interrompida por mais uma transferência do meu marido.

Em Londres, retomei os estudos de reabilitação geral. Visitei vários centros, estagiei em vários hospitais. Descobri que só sabia fazer *splint* de gesso enquanto já utilizavam o acrílico e outros materiais que não existiam no Brasil. Aprendi muito, foi uma experiência boa e me chamaram para trabalhar. É aí que entra o problema brasileiro. Eu fui para o exame, estudei feito uma louca! A parte de prótese, claro, eu estava atrasada, pois tudo lá era avançadíssimo. Na parte de Humanas, eu é que estava avançada. Disseram que eu não passaria no teste porque só aceitavam terapeutas ocupacionais formadas pelo “país” chamado Recife! Isto porque em Recife existia uma boa escola de terapeutas ocupacionais que era membro da Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais.

Falei com as minhas colegas daqui, pedi pelo amor de Deus que se reunissem se não... Hoje já deve estar vinculado, mas naquela altura não era. Na Inglaterra não me aceitaram porque o curso que fiz em São Paulo não era reconhecido pela Federação Mundial. Por isso que a terapeuta tem que estar regularizada, tem que estar reconhecida porque senão não é aceita. Não adianta. Da Inglaterra, eu me divorciei e voltei para o Brasil.

Agora, vou contar uma história muito atual, muito recente. Acho muito importante contar. Não registraram o meu diploma porque o meu curso foi de dois anos. Quando cheguei ao Brasil, em 1985, levei meu diploma ao Conselho, recusaram. Fui até a Faculdade e me explicaram que eu precisava refazer o curso. Eu não podia refazer o curso, tinha dois filhos, estava divorciada do inglês. Não podia refazer o curso! Insisti, expliquei que trabalhei em diversos lugares e que devia haver uma solução para o meu caso. Exigiram sete matérias. Eu precisava trabalhar. Meu diploma foi extraviado. Deram um prazo para registrar depois do Decreto-lei de 1969, mas naquela época eu estava grávida em Portugal. E passou do prazo, meu diploma perdeu a validade e por este motivo não pude mais exercer a profissão.

Acabei fazendo um curso de decoradora de interiores, mas precisava voltar para a Terapia Ocupacional, não dava para ficar assim! Apareceu a oportunidade de trabalhar no Centro Social Brooklin Paulista num projeto financiado por algumas instituições privadas, no qual atuei em conjunto com outra terapeuta ocupacional. Depois de dois anos, quando o

projeto acabou, botei um anuncio no jornal. Como falo inglês e morei em Londres, fui contratada como governanta de um lar de idosos. Não podia ser terapeuta ocupacional.

Na época do café, muitas inglesas vieram para trabalhar como governantas. Jovens que ensinavam o inglês para os meninos. Chegaram ao Brasil, por volta dos 17 anos, envelheceram e perderam a relação com Londres. Então, uma senhora inglesa doou a casa justamente para acolher esses idosos que não tinham para onde ir. A *Stacy House* foi montada pela Fundação Britânica.

O mais importante é que cada idoso tinha seu quarto. Quando chegavam, traziam seus móveis e seu ambiente. Formavam vínculos de amizade, pequenos grupos. Contratei uma pianista que tocava às quartas-feiras e todos se reuniam para cantar. Pediam aquelas canções inglesas antigas e fiz cópias ampliadas com letras bem grandes. No fim do ano, a banda do Exército da Salvação tocava e depois se sentava à mesa com os residentes. O pessoal da Embaixada ia lá tomar chá organizado pelo grupo de ladies, senhoras da alta sociedade. Como não havia uma estrutura institucional, esse grupo coordenava a manutenção da casa e me fiscalizava e eu fazia relatórios para elas. O Dr. Bill, que fazia a assistência dos idosos, foi condecorado pela rainha pelo trabalho voluntário e também outras senhoras.

116

Era uma instituição totalmente aberta. Os residentes tinham liberdade de entrar e sair. Frequentavam a igreja britânica, iam às missas. Quando uma das residentes completou 104 anos, a princesa Diana esteve lá e a cumprimentou. Eu almoçava junto dos idosos com maior dificuldade, dormia algumas vezes para acompanhar a rotina da casa. Eu saí de lá quando entrou um grupo de jovens administradores sistemáticos que querem tudo computadorizado. Depois de um tempo, fechou. Lembro-me de uma senhora que se recusou a ir para um lar alemão, pois era inglesa e queria ficar na *Stacy House* até o fim da vida.

Agora, eu sou pintora. Faço quadros. Casei-me e morávamos aqui nesta casa. Ele morreu há três anos e agora que as coisas estão se acalmando. Futuramente, pretendo ser voluntária porque ficar em casa não é meu estilo! Estava tudo aqui e eu fui juntando, juntando... Então é isso. Esta é a história! Faltou te responder o que me fez ficar em uma profissão que não existia. Em Portugal, o consultório do meu pai ficava na parte de baixo de nossa casa. Já estava acostumada a ver muitas coisas. Mas, quando eu estava no meio do curso, fui para o setor de queimados. Aquelas crianças queimadas... Eu desisto, não vai dar para aguentar, é muito difícil! Então, um professor, um grande professor, falou uma frase que

me marcou pelo resto da vida: Fernanda, é melhor ajudar do que ser ajudado. E essa frase foi meu mote.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa de Fernanda Guerreiro demonstra que algumas pessoas são dotadas da percepção de que a História – como memória coletiva - pode ser apropriada ou distorcida. Pessoas que vão se munindo de registros para impedir que a história vivida se apague. Quando alijadas do contexto institucional, percebem-se em desvantagem, justamente, porque a memória institucional costuma prevalecer na construção do discurso histórico oficial.

Ela nos convida à reflexão: afinal, a quem pertence a memória da Terapia Ocupacional? Bosi<sup>7</sup> afirma que, embora o indivíduo seja o memorizador, a memória só se constrói no interior de um grupo e, assim, lembrar-se de um acontecimento é sempre uma ação coletiva. Portanto, a memória de Fernanda pertence a todos os terapeutas ocupacionais: inspira-nos a tecer a História da Terapia Ocupacional no Brasil.

117

### Referências

1. Melo, DOCV. **Em Busca de um Ethos: Narrativas da Fundação da Terapia Ocupacional na Cidade de São Paulo (1956-1969)**. [Dissertação Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde]. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo; 2015.
2. Meihy, JCSB. **Manual de História Oral**. São Paulo. Edições Loyola; 2005.
3. Meihy, JCSB; Holanda, F. **História Oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo. Ed. Contexto; 2007.
4. Gallian, DMC. **75x75: EPM/Unifesp, uma História, 75 vidas**. São Paulo. Unifesp; 2008.
5. \_\_\_\_\_ **Pedaços da Guerra Espanhola: seis histórias de vida tobarrenhas**. São Carlos. EduFSCar; 2011.
6. Rocha, SPA. **Acupuntura no Sistema Único de Saúde do Município de São Paulo: História Oral e Memória**. [Dissertação Mestrado em Saúde Coletiva]. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2013.
7. Bosi, E. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 3ª Edição. São Paulo. Companhia das Letras; 1994.

**Contribuição da autora e do autor:**

**Daniela Oliveira de Carvalho Veríssimo e Melo:** foi responsável pela concepção do texto, redação, organização de fontes e análise.

**Dante Marcello Claramonte Gallian:** foi responsável pela concepção, orientação e revisão do texto.